

# **ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM OLHAR ACERCA DO TRABALHO DOCENTE DE UMA PROFESSORA/PEDAGOGA E A APRENDIZAGEM DISCENTE**

DANYLO JOSÉ SIMÕES COSTA  
ERNANDE PIRES CORREIA JUNIOR  
MARCIA KELLY FONSECA DA COSTA  
SAYMON KAEEL DE LIMA RAMOS  
DILSON RODRIGUES BELFORT

Universidade Federal do Amapá – Macapá/Ap – BRASIL  
danylo\_costa18@hotmail.com

## **INTRODUÇÃO**

A Resolução 02/2010 de 06 de agosto de 2010 do curso de Educação Física da Universidade Federal do Amapá afirma que estágio supervisionado é entendido como uma disciplina em que o/a aluno/a realiza, com fins de aprendizagem social, profissional e cultural, em situações reais de vida e trabalho de seu meio, sob a supervisão de docentes de Instituições de Ensino, durante a qual serão ampliados, revistos e aplicados os conhecimentos adquiridos e construídos no processo de formação no curso de licenciatura em Educação Física.

De acordo com Faria Junior et al (1987), a Prática de Ensino, considerada também como Estágio Supervisionado, “é um processo dinâmico de aprendizagem que se realiza pela prática constante de atividades correspondentes ao campo profissional oferecido pela habilitação específica, dentro de situações reais, controladas e supervisionadas por professores do curso.

Este artigo tem como objetivo principal descrever/analisar a prática pedagógica de uma professora pedagoga atuando na educação física no ensino fundamental de 1º ao 4º ano, durante o estágio supervisionado de observação sistemática.

## **TRAJETÓRIA METODOLÓGICA**

O método de procedimento utilizado foi o descritivo que de acordo com Cervo e Bervian (2002, p.62), apontam estudo descritivo como a possível “descrição das características das propriedades ou relações existentes no grupo ou da realidade em que foi realizado a pesquisa”.

Quanto ao local da pesquisa, esta foi realizada em uma Escola Pública da Rede Municipal de Ensino, localizada no bairro do Muca, situada na zona sul de Macapá, capital do Estado do Amapá, durante as aulas de Educação Física no ensino fundamental.

Registra-se ainda que este estudo teve como público alvo uma professora do quadro efetivo da escola, e o acompanhamento das aulas de Educação Física se deu a partir de uma turma do 4º ano, no turno da tarde, tendo no total 25 alunos/as, sendo 13 meninos e 12 meninas. Foram observadas 11 aulas no total de 4 horas/aula, totalizando uma carga horária de 44 horas/aula assistidas.

Para a investigação e análise deste estudo foram utilizados os seguintes instrumentos: observação, notas de campo, entrevista estruturada com a professora e registro fotográfico. Para maior rigor metodológico das entrevistas optou-se pela análise do discurso que segundo Orlandi (2002, p. 15):

A Análise de discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto ao deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive.

A Professora assinou o termo de consentimento livre e esclarecido, como forma de assegurar que não haveria nenhum dano a sua integridade física e moral, apenas análise de sua prática pedagógica, mas não com o intuito de julgar, mas, descrever a sua sistematização pedagógica, bem como os seus anseios e realidades profissionais.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A entrevista com a professora teve como intuito, saber sobre vários elementos pedagógicos do ensino da Educação Física na escola, bem como as experiências na docência, o comportamento dos/as alunos/as, relação entre eles/as e entre outras questões.

Na escola pesquisada primeiramente não existe professor/a de Educação Física, cabendo à outros docentes ficarem com a tarefa de utilizar os recursos metodológicos e conteúdos da Educação Física para tentar “contribuir” na formação dos/as alunos/as.

A primeira pergunta para a docente esteve direcionada com a satisfação em estar na docência e se pudesse seria importante uma justificativa plausível, a docente relatou:

Então quando eu me vejo como pedagoga, eu penso todo num trabalho burocrático de coordenação de orientação e eu gosto disso, o que eu não gosto é de professor que não cumpre metas, às vezes tem que esperar pela coordenação, mas o trabalho de docência eu aprendi a gostar muito aqui na escola, porque já trabalhei 1 ano com maternal, mas a série que eu mais me identifiquei com essa.

Percebe-se que a docente prefere exercer o trabalho de docência em sala de aula do que ficar como supervisora ou coordenadora pedagógica e isto coloca a professora mais próxima da realidade do processo educativo dos/as alunos/as e a mesma tem mais facilidade e trabalhar no ensino fundamental.

Ao ser questionada sobre uma possível mudança de profissão, a mesma respondeu:

A questão não é mudar de profissão, essa palavra é forte, eu entrei na pedagogia [...] de para-quedas porque não é o que eu amo, porém eu tenho muita habilidade, eu me saio bem, eu desenvolvo bem, não gosto de ser mais uma professor, eu gosto de fazer a diferença, eu gosto de me destacar onde eu to, mas o que eu gosto mesmo é de odontologia.

A Professora reconhece que não é a profissão que “ama”, mas, que possui uma certa facilidade em trabalhar no ambiente escolar, além de buscar o destaque em suas ações como docente e isto é importante para os alunos/as porque apesar de gostar de outra profissão, a mesma não demonstra isso para os educandos/as cumprindo o seu papel, de fato como educadora.

Para Lima [2008 ? ] o docente que desenvolve comprometidamente o seu exercício da profissão percebe onde, como e quando precisa modificar os referenciais metodológicos, porque melhor do que qualquer outro ator social da escola aproxima-se do seu aluno e consegue realizar leituras que lhe permitem reorientar a sua prática pedagógica.

Outro aspecto a ser redimensionado é o trabalho docente dentro da área da Educação Física do 1º ao 4º ano na escola que se restringe apenas na Recreação. E por não haver um espaço adequado para as aulas de Educação Física, a professora utilizava um espaço inadequado à frente da sala de aula.

A Recreação é uma contribuição metodológica e/ou conteúdo para a Educação Física na escola. Entretanto, na Educação Física fundamental de 1º ao 4º ano, quem exerce o papel de “professor de Educação Física” é o pedagogo, tal fato remete-se a ideia da legislação atual que preconiza essa prerrogativa.

Observou-se ainda a grande incidência de crianças correndo pela escola, meninos brincando de futebol durante a recreação, meninas brincando amarelinha, salto sobre elástico, mas sem as devidas orientações que o/a professor/a de Educação Física sabe repassar para seus alunos/as. Com isto pode existir a falta de aprendizagem de vários aspectos norteadores da prática de jogos e esporte na escola.

Vejamos o relato da professora sobre como ela aborda as aulas de recreação para os alunos do 4º ano:

Quando eu estou na atividade recreativa, aqui a gente não chama Educação Física, eu procuro sempre proporcionar duas coisas: movimento, eu preciso que eles se movimentem, são muito agitados, eu mando eles para fora para descarregar tudo que eles tem. [...]outra coisa eu gosto muito de atividades em grupos, rivalidade mesmo, pra eles competirem, eu gosto da competição.

Percebe-se que a disciplina Educação Física é restringida apenas para a Recreação, cujo objetivo é valorizar a cultura do brincar da criança, entretanto, o brincar competitivo se não for feito de uma maneira educacional, não atingirá os objetivos para formação dos/as educando/as.

Para Ferreira (2000) embora a competição na escola possa trazer características motivadoras, no que se refere ao ensino das habilidades motoras, ela só deve ser apresentada após os/as alunos/as possuírem domínio corporal sobre o movimento, caso contrário ela poderá influir negativamente no processo de aprendizagem.

A professora relata ainda que foi um desafio pra ela ensinar Educação Física na escola, porque durante a sua formação teve apenas uma disciplina chamada Recreação e Jogos.

“Eu passei o semestre todo lendo sobre jogos vendo vídeos do circo de soleil. Ai eu me indaguei: O que eu vou aplicar pra eles? “

De acordo AWAD (2011, p. 23) o professor ao utilizar a recreação como elemento contribuinte no processo educacional, não deverá abrir mão do prazer inerente à prática das atividades.

A formação da professora não vislumbrou a essência da recreação e sua importância que a mesma tem para o/a educando/a, não vivenciado aspectos metodológicos e organizacionais do conteúdo durante o planejamento do currículo da disciplina na escola, comprometendo a aprendizagem dos/das alunos/as.

Sobre a relação da professora com os/as alunos/as a mesma afirmou ter um bom relacionamento afetivo com os discentes, por ela ter domínio da turma, os/as alunos/as a respeitam, porém a relação entre os/as alunos/as é bem diferente, vejamos:

“ Eles são muitos desrespeitosos [...] indisciplinados, o problema deles não é comigo. Eles fazem as atividades, os mais brigões, eles são os mais inteligentes, então acaba que eu não sei cobrar eles. “

A indisciplina escolar ainda é uma premissa a ser quebrada por qualquer professor/a de qualquer área do conhecimento nos ambientes escolares. Não podendo haver autoritarismo

por parte do/da docente, como também não pode existir negligência da família no que concerne os conhecimentos adquiridos dentro e fora do ambiente escolar

Segundo Oliveira (2009) embora haja a necessidade, é uma tarefa muito complexa para o/a professor/a apontar o porquê da indisciplina e de onde a mesma se originou. Uma hipótese a ser citada é o confronto entre as posturas apresentadas pelo professor/a e a família, de um lado um professor autoritário e do outro uma família que dá a liberdade ao seu filho/a e vice-versa ou ambos com as mesmas imposições.

Quando questionada sobre o planejamento da disciplina Educação Física, a professora relata que não planeja periodicamente as aulas, ela monta umas atividades e repassa para as crianças. E quando indagada se a Educação Física reprova ou não os alunos a mesma afirmou:

Nós estamos em uma escola pública, onde a Educação Física é oferecida por um pedagogo que não se sente na responsabilidade de fazer isso, [...] A Educação Física voltada para a 1º ao 4º ano acho que não existe reprovação, mas quando tem de 5º a 8º que tem aquela coisa de dança, de treino, de competição, eu acho tem, eu falo assim de uma forma leiga.

De fato a professora em seu discurso afirma que não se encontra cientificamente capaz de ministrar aulas de Educação Física porque não possui o entendimento sobre a cultura corporal de movimento e suas especificidades, bem como as contribuições que a mesma pode oferecer durante a formação dos alunos/as, entretanto, não se pode culpar só os/as professores/as sobre estes fatos, o que acontece são falhas no sistema educacional brasileiro e na Lei Diretrizes e Bases da Educação Brasileira - LDB/9394 que permite que o Pedagogo/a ministre aulas de Educação Física e Artes do 1º ao 5º ano.

A observação é essencial para entender os fenômenos educacionais, comportamentais e posturais dos/as alunos/as, funcionário/s e/ou professores/as, as deficiências, as qualidades, bem como a funcionalidade dos ambientes escolares. Durante as aulas de Educação Física, observou-se as seguintes atividades recreativas: amarelinha, pega-pega, pira-alta, queimada, futebol, corrida com o bambolê, corrida sobre estafetas utilizando cones e dança, mas, no entanto não foram repassados algumas orientações sobre o sentido das atividades, apenas orientações sobre os procedimentos dos jogos, desta forma poderá estar comprometendo a aprendizagem dos alunos.

Para Monteiro [2007 ?] sucesso na aprendizagem se deve, a uma pré-disposição, a uma motivação, a um interesse que não é dado pelo conteúdo, mas pela forma de aprender. Deve-se saber o por que do conteúdo proposto, mas a maneira como é abordado é também muito importante para o processo ensino aprendizagem.

As principais características encontradas nas atividades repassadas pela professora, exceto, a atividade “pega-pega” e “pira-alta”, era a competitividade entre as crianças. Percebeu-se um alto índice de desrespeito entre os/as alunos/as, divergências e até mesmo ofensas verbais, tal fato remete-se a ideia do “vencer a qualquer custo”, como se a vitória em uma atividade como esta determinasse a personalidade vencedora que a criança iria ter ao longo de toda a sua vida.

Quando se observa as aulas percebe-se as falhas, os acertos e as prerrogativas dos/as professor/as e dos/as alunos/as durante o processo educativo, porém, outra uma característica nas aulas de Recreação da professora não comprova o discurso da mesma durante a entrevista, que dizia a seguinte afirmação:

“ Em minhas aulas não tem dessa de separação, os meninos brincam com as meninas e vice-versa”

Quando existe a competição, o mais forte quer se sobrepor ao considerado mais fraco e com isto, os menos aptos ao praticar determinadas atividades ficam excluídos/as, que é o caso das meninas, na qual os meninos não deixavam elas brincarem de futebol por acharem que elas não tinham a capacidade de vencê-los.

Estudos sobre Gênero e Educação Física vem apontando falhas como essas durante o processo ensino-aprendizagem não percebida pela Professora em suas aulas, prejudicando a formação dos/as alunos/as. Para LUZ JUNIOR (2002):

O esporte e a dança, enquanto conteúdos da Educação Física, durante muito tempo adotaram/adotam instrumentos de diferenciação e hierarquização dos sexos a partir das suas práticas. Nas competições pode ser visto claramente essas diferenças desde o ponto de vista da superioridade e inferioridade.

De fato, a separação de alunos/as nas aulas de Educação Física, não contribui para uma educação igualitária e de qualidade, haja vista que os padrões competitivos empregados durante as aulas só enfatizam o rendimento e “sucateiam” o aprendizado na aquisição de valores éticos na formação dos educandos/as.

A dança foi outro conteúdo a ser aplicado durante as aulas de Educação Física da professora, entretanto, foi direcionada apenas para a construção de coreografias para a apresentação das crianças no evento de final de ano da escola. A Professora por não ter conhecimento aprofundado de que a dança pode proporcionar aos seus/as alunos/as, adota apenas este conteúdo para construir pequenas coreografias para a confraternização da escola e as crianças só participam porque é forma de ganharem pontuação para o final do semestre. Desta forma, vê-se necessário a inclusão imediata do Professor de Educação Física no 1º a 4º ano do ensino fundamental, pois é o profissional que trabalha as capacidades motoras, cognitivo, sócio-afetiva

**PALAVRAS – CHAVES: EDUCAÇÃO FÍSICA; ESTÁGIO; DOCÊNCIA.**

### **CONSIDERAÇÕES...**

O movimentar-se das crianças é fundamental para o seu bem-estar no seu cotidiano, porém, quando é realizado de forma consciente, quando o/a aluno/a sabe o porquê de estar realizando determinado movimento, o seu significado, as suas contribuições, as suas especificidades e não o mexer-se sem objetividade ou sem perspectiva.

Portanto, foi possível observar que a docente possui certa dificuldade como qualquer professor, entretanto, estamos tratando de ministrar aulas de Educação Física sem ter a formação inicial. Vale ressaltar que em nenhum momento buscou-se criticar sem contribuir o trabalho da professora, mas buscar elementos para entender a sua prática pedagógica, sendo completamente compreensível no que se refere à Educação Física escolar, bem como a recreação na escola, por não ter a formação direcionada para a pedagogia do movimento humano ou da biodinâmica do movimento humano, a mesma se esforça de todas as formas para tentar preencher essa falha no sistema educacional brasileiro, entretanto, mesmo com tanto esforço a aprendizagem dos discentes fica distorcida por não haver embasamento teórico e prático para os alunos, proporcionando um “vácuo intelectual/motor/sócio-afetivo e desprovidos de práticas corporais inovadoras”

## REFERÊNCIAS

AWAD, Hani Zehdi Amine. Recreação no tempo e espaço escolar . In: AWAD, Hani. **Educação Física Escolar: Múltiplos Caminhos**. Jundiaí/SP. Fontoura, 2010. p.133-142

CERVO, Amado. BERVIAN, Pedro. DA SILVA, Roberto. **Metodologia científica**. 6º ed. Pearson Education. São Paulo, 2006

FARIA JUNIOR, Alfredo Gomes de, et. Al. Prática de ensino em Educação Física: estágio supervisionado. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

FERREIRA, Marcos Santos. A Competição na Educação Física escolar. **Motriz**, Rio de Janeiro. vol.6, n.2, p 97-100, julho./dez. 2000

LIMA, Paulo Gomes. A importância do papel do professor para o sucesso da Educação. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/13500666/A-IMPORTANCIA-DO-PAPEL-DO-PROFESSOR-PARA-O-SUCCESSO-DA-EDUCACAO-PROF-DR-PAULO-GOMES-LIMA-UFGD#download> > Acesso: 12 de Nov. 2012.

LUZ JUNIOR, Agripino Alves. Gênero & Educação Física: tornando visíveis fronteiras e outras formas de reconhecimentos. **Motrivivência**, Florianópolis. v.19. p 69-72, Dez.2002. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/957>. Acesso: 29 de Dez. 2011.

OLIVEIRA, Gleidson Rodrigues de. Indisciplina nas aulas de Educação Física: a família e o autoritarismo do professor interferindo na aprendizagem e no comportamento dos adolescentes. **Revista Digital Efdesports**, Buenos Aires, ano.14,n.178. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/06n2/Ferreira.pdf>. Acesso: 29 de Dez. 2011

MONTEIRO, Erica. A recreação e seus objetivos no âmbito escolar. Disponível em: <[www.pratiqueatividade.com.br/downloads/344ca0f5ae.doc](http://www.pratiqueatividade.com.br/downloads/344ca0f5ae.doc)> Acesso em: 11 de Nov/2012.

NORMAS PARA O ESTÁGIO SUPERVISIONADO. Resolução CONSU/UNIFAP n.º 2 de 06/10/12.

Disponível em: < <http://www2.unifap.br/edfisica/coordenacao/normatizacoes/>>. Acesso em 10 nov.2012.

End.: Av: Raimundo Ferreira da Silva, nº 290, Bairro Muca, Macapá, Amapá, Brasil.  
Tel: (96) 91325971  
E-mail: [danylo\\_costa18@hotmail.com](mailto:danylo_costa18@hotmail.com)